

# COMBATE

A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES É OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES

## CONTRA A MILITARIZAÇÃO

nem Otelo, nem Jaime Neves  
pelas milícias operárias até ao

## COMUNISMO

ver p.3

# MUDAR A VIDA!

nas fábricas, nos bairros, nos hospitais

A Associação de Moradores de Farcária-Atunes (com sede na Rua da Boa Noiva, 105, Porto) editou o primeiro número de um boletim, denominado "A Nossa Luta". D'el' extraímos três pequenos textos: o editorial, um artigo sobre "O problema da habitação" e outro sobre o "Foder peço eu".

A sugestão para este título não é mais do que o nosso brado para a luta que vimos travando por novas conquistas. A criação deste órgão informativo é mais uma conquista de todos nós moradores. Acaso alguma vez viste os teus problemas focados em jornais burgueses? Não, e porquê? Porque aos jornais burgueses não lhes interessa contribuir para aumentar a nossa consciência de classe, a nossa consciência de exploração a que estamos sujeitos, não lhes interessa divulgar os nossos problemas, as nossas lutas, as nossas conquistas, as nossas vitórias, pois sabem que quanto mais formos conscientes, quanto mais reconhecerem que temos força, mais perigo representamos para a conservação dos privilégios e domínio deles.

Não lhes interessa que conheçamos outras lutas travadas contra a explora-

ção capitalista, pois a coordenação das nossas lutas representa um perigo mortal para eles.

O nosso jornal será de todos nós.

Que o jornal seja um espaço de formação e discussão dos nossos problemas. São depois de discutirmos bem os nossos problemas e as nossas posições poderemos encontrar uma UNIDADE real, necessária para levarmos à vitória as nossas lutas.

Que "A Nossa Luta" mostre bem que sabemos que temos uma luta a travar e que a travamos.

### O problema da habitação

Nós, os moradores dos bairros e baracas, bem como todos os ocupantes de moradias, estamos em luta pelo direito a casas decentes e dignas para os trabalhadores. E temos direito porquê? Porque somos condenados a viver em baracas ou casas em ruínas e mesmo em partes de casa, onde não há o mínimo de condições dignas de seres humanos,

Por motivos que ultrapassam a nossa vontade, é-nos impossível continuar neste número a transcrição da entrevista realizada com dois elementos da comissão de trabalhadores da Clínica de Santa Cruz. Continuaremos a publicar essa entrevista no próximo número.

Entretanto, transcrevemos o último comunicado dos trabalhadores de Santa Cruz, emitido com data de 16 de Novembro.

## luta em Santa Cruz

Os trabalhadores do Hospital de Santa Cruz, em luta contra os interesses opostos à sua classe e contra os crimes cometidos no Hospital de Santa Cruz, denunciam

\* 12.000 contos gastos sem que o povo disso tenha tirado proveito

\* não aproveitamento destas instalações (prontas a funcionar) desde 28 de Dezembro de 1974

# **luta em Santa Cruz**

(Continuação de p. 1)

- \* quando sabemos o que é o serviço de saúde nos hospitais centrais, no intuito de fomentar a clínica privada deduz-se que tudo se prepara para reentregar este hospital aos 76 médicos accionistas
  - \* quando tanto se fala em medidas de austeridade e nunca nada se fez pelo que atrás se denuncia, faz-se ir pelo ar 10.000 contos nos emissores da Rádio Renascença
  - \* quando os trabalhadores do hospital de Santa Cruz desde Dezembro de 1974 lutam por manter o seu local de trabalho, com meses de salário e indemnizações em atraso, e se recusam a entregar material médico, são processados em tribunal
  - \* quando os 240 trabalhadores do hospital de Santa Cruz se levantam contra os privilégios da classe médica e defendem as suas formas de organização, ficam ameaçados de processos chamados disciplinares e pressionados à distribuição por vários hospitais, por proposta de alguns elementos da Comissão Provisória de Gestão dos Hospitais Cívicos de Lisboa, a qual recebe o aval da Secretaria da Saúde
  - \* quando se constata a inoperância de seis governos provisórios para atacar o problema da saúde em Portugal
- SÓ PODE ESTAR NAS MÃOS DAS CLASSES TRABALHADORAS A SOLUÇÃO DESTA LUTA.**
- É intenção dos trabalhadores do Hospital de Santa Cruz, ao fazer esta denúncia, apelar para a solidariedade activa dos explorados deste país.
- CONTRA UMA MEDICINA DE CLASSE, POR UMA MEDICINA AO SERVIÇO DO POVO!**
- DEFENDAMOS E ORGANIZEMOS AS LUTAS AUTÓNOMAS DOS TRABALHADORES!**
- A LUTA CONTINUA!**

(Continuação de p. 1)

não sou representativa da classe mais desfavorecida, na medida em que não tenho esses problemas, mas depois estivemos a conversar e chegámos à conclusão que a minha presença lá pode ser importante actualmente, porque a nossa comissão de moradores é só constituída por rapazes e homens, e não há mulheres que se aproximem. Pode ser, pelo facto de estarmos duas mulheres na comissão -- que não somos as pessoas indicadas para lá estarmos -- possa ser o motor de arranque para que outras mulheres e raparigas da classe mais desfavorecida adiram à comissão. Aí automaticamente nos afastamos, por-nos como apoio. Esta discussão surgiu inclusivamente na própria comissão de moradores. Isso talvez possa evitar um certo paternalismo como estava a dizer.

**CM da Foz do Douro (1)** - Aliás eu já tinha dito antes que o que pretendíamos era dinamizar a população. Somos a

sem água e instalações sanitárias. Somos nós, o povo trabalhador, que labutando nas fábricas, nas oficinas, nas obras e nos campos, produzimos toda a riqueza do nosso País, tendo por isso direito a uma habitação condigna, pa-

ga dentro das nossas reais possibilidades. Para além disso, temos direito a creches, jardins infantis e escolas para os nossos filhos, bem como a locais de recreio e cultura, onde nos possamos reunir para discutirmos os nossos problemas.



**SEDE - RUA DA BOA NOVA 105 - PORTO - NOV. 1975 - PREÇO FACULTATIVO**

## **O que é o poder popular?**

*Poder popular* é o poder exercido pelo povo, organizado de forma democrática, em todos os locais de trabalho e habitação: nas fábricas, nas empresas, nas herdades, nas oficinas nas escolas, nos hospitais, nas associações culturais, desportivas, recreativas, nas cooperativas, nos bairros, nos quartéis, nos sindicatos, nas ligas dos pequenos e médios agricultores.

*Poder popular* é a organização dos trabalhadores em comissões de trabalhadores, conselhos de aldeia em estreita ligação com: assembleias de soldados, marinheiros, sargentos e oficiais.

*Poder popular* é a democracia e a liberdade para aqueles que nada têm a perder e têm tudo a ganhar: garantia de trabalho, alimentação, vestuário, habitação, saúde, ensino, desporto, tempos livres, protecção na doença e na velhice.

*Poder popular* é o povo e só o povo

quem ordena.

*Poder popular* é a resposta das classes oprimidas e exploradas para defender os seus interesses, quer nos locais de trabalho quer nos locais de habitação.

*Poder popular* é a construção do socialismo e a destruição do capitalismo.

*Poder popular* é a aliança do povo trabalhador com o povo fardado: soldados, marinheiros, sargentos e oficiais revolucionários.

*Poder popular* és tu operário, és tu camponês, és tu soldado e marinheiro, és tu mãe pobre, és tu pescador, és tu morador do bairro da lata, és tu vítima da exploração capitalista, és tu camponês sem terra e sem arado, és tu funcionário esmagado pela burocracia, és tu pequeno e médio agricultor e industrial vítima dos intermediários e capitalistas, és tu criança sem golfe, sem creche, sem escola, sois todos vós, vítimas da exploração capitalista, do colonialismo, do fascismo, do imperialismo.

**Sois todos vós o Poder popular.**

**Organizai-vos para construir o poder popular.**

# **Mesa-redonda**

espoleta da explosão, mas o explosivo são eles próprios, toda a população, de que nós também fazemos parte. Alguém tem que dinamizar. Há pessoas que ainda estão habituadas ao antigo regime, e isso ainda vai durar anos. Vai durar anos a tirar-lhes os vícios do tal paternalismo. Nós é que vamos ensiná-los -- aqueles que têm mais coragem -- porque dentro deles também há pessoas com coragem, mas alguns não têm tempo e há muitos que não vão ao plenário e que não foram aos outros plenários, porque estão cheios de trabalho. Chegam a casa e dizem: "Hoje vou mas é ver televisão". E acabam por ir para o quintinho e não vão ao plenário: "Os outros depois tratam lá disso, vai fulano e cicrano". E às vezes o fulano ou cicrano que lhes falou para irem: "Oh pá, tu

vais lá logo", "Ai vou!" Mas depois acabam por não ir nem um nem outro e aquilo fica despovoado. E depois quem é que vai tratar dos assuntos? Precisamente as pessoas que não têm necessidades nenhuma, que era o caso das tais comissões anteriores. Baseados nisso, eles diziam: "Eles não tratam de nada, não aparecem lá e nós conseguimos dominar aquilo", ou antes "dominá-los de maneira a que não se faça nada".

**ESTA MESA - REDONDA CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO**

**ERRATA À ENTREVISTA "GOMAL: MANOBRAS DUM PATRÃO, A CAMINHO DA SOLIDARIEDADE OPERÁRIA"** publicado no nº 29, de 31 de Outubro:

Na pag. 5, 3ª coluna, linha 4, onde se lê "o que aliás já deram", deve ler-se "o que aliás não deram". Na mesma página e coluna, na linha 35, onde existe um espaço em branco, deve ler-se "penhorássemos".

# Editorial

Periodicamente as atenções do país ficam paralizadas perante um espectáculo emocionante -- os desentendimentos entre governantes. E a maior parte dos trabalhadores revolucionários perde a noção de que o governo, com os seus conflitos internos, representa só uma pequena fracção do mundo das lutas sociais. Na actual situação portuguesa essa fracção nem sequer é a mais importante.

Parece-nos imprescindível colocar no devido lugar os conflitos no interior da classe dominante e tentar perceber até que ponto os trabalhadores são levados a participar nesses conflitos e até que ponto lhes permanecem estranhos.

Desde o golpe de 25 de Abril que os sucessivos governos têm visto o seu apoio de massas cada vez mais restringido, até se chegar ao ponto em que a actuação do sexto governo se assemelhava mais à de um grupo clandestino terrorista do que àquela que usualmente se espera por parte de governantes:

- incapaz de reprimir efectivamente os trabalhadores da Rádio Renascença, apoiados por todos os trabalhadores revolucionários, o governo recorreu à arma por excelência das minorias activas: a dinamitação pela calada da noite;

- incapaz de responder ao desenvolvimento das formas de auto-organização dos trabalhadores, o governo planeou transferir-se para o Norte, onde conta com maiores apoios militares, o que equivaleria à sua passagem à clandestinidade em Lisboa...

- sem falar já nas cedências sistemáticas frente às pressões da classe operária, o governo decide por fim entrar em greve. E como a vida continuou na mesma, sem abalos nem prejuízos, acabou por mostrar a todos aqueles que ainda podiam duvidar a inutilidade do governo para a organização social livre.

No entanto, a plataforma sobre que o actual governo se constitui reunia há dois meses a maioria dos oficiais e grande parte dos tecnocratas e capitalistas de Estado. Nessa altura até o grupo que gira em torno de Otelo tentou durante alguns dias uma conciliação com o "grupo dos nove".

Porque é que os grupos político-militares que parecem ter o apoio da maioria da classe dominante chegam ao poder e se dissolvem? -- sem conseguirem executar a única função que se pede a um governo, a de enquadrar, organizar e reprimir os explorados. Isto aconteceu, de modos variados, com todos os governos que se têm sucedido no poder desde o derrube do fascismo.

Por outro lado, porque é que os grupos político-militares que caem por ter perdido a confiança da maioria da classe dominante, uma vez saídos do poder voltam a surgir como alternativas viáveis à maioria da classe dominante?

Esta situação significa que a classe dominante não consegue centralizar o poder de Estado, existindo múltiplos centros de poder: vários centros do poder administrativo, do poder repressivo político-militar, de contensão ideológica, etc. Deste modo não se pode dizer que haja um governo, mas sim fracções desarticuladas de governo.

À que se deve esta situação?

A existência de um forte movimento autónomo dos trabalhadores. A característica fundamental desse movimento, nas circunstâncias actuais, parece-nos ser a autonomia ao nível das unidades de produção e de habitação mas, em geral, a falta de autonomia dos contactos entre as várias lutas, o que significa que estas não são coordenadas autonomamente e são ligadas externamente, pelos partidos ou pelo próprio aparelho de Estado (ver o Editorial do nº 29). Por isso, quando a luta se esgota numa unidade particular, a comissão de trabalhadores ou de moradores isola-se e automaticamente burocratiza-se. É preciso distinguir entre o movimento autónomo de massas e as comissões que dele emanam e que inevitavelmente se burocratizam sempre que a luta não é ascendente. Só a unificação autónoma das várias unidades permitiria que os movimentos de luta numa unidade se alastrassem às restantes, de forma que a luta fosse permanentemente geral a toda a classe e sempre ascendente. Não existindo neste momento essa unificação autónoma, o movimento dos trabalhadores encontra-se circunscrito. Daí que possam existir simultaneamente um movimento autónomo constante e comissões a burocratizarem-se -- em todas as lutas particulares que estão num refluxo episódico.

Certos acontecimentos passados no Norte integram-se neste processo, só que os partidos que pretendem recuperar os aspectos burocratizados do movimento autónomo são outros, e são outras as aspirações gerais das massas trabalhadoras no momento. Assim, por exemplo, é a contestação da centralização administrativa da capital, com toda a burocracia que lhe é inerente, que leva a movimentos de massa s que o PPD, o PS, o CDS, etc. pretendem recuperar. Do mesmo modo, o receio que os pequenos camponeses independentes demonstram da reforma agrária no momento actual resulta do facto de as cooperativas agrícolas subordinadas a um Estado centralizado diminuírem grandemente as suas possibilidades de defesa e sujeitarem-nos inteiramente ao capitalismo de Es-

tado; os médios e grandes proprietários que lutam contra a reforma agrária defendem evidentemente o capitalismo privado no campo e para isso pretendem aproveitar-se da luta dos pequenos camponeses independentes; estes, que representam aliás formas económicas arcaicas e pré-capitalistas, ao defenderem a sua independência estão, nas circunstâncias actuais a resistir, embora de um modo em geral inconsciente, ao capitalismo de Estado em expansão. Em suma, diferenças na situação social e económica fazem com que sejam diferentes alguns aspectos desta dualidade do movimento autónomo e das tentativas da sua recuperação mediante o aproveitamento pelos partidos das comissões burocratizadas. Mas o processo fundamental é o mesmo.

A existência de movimento autónomo dos trabalhadores, junto com a desagregação dos centros do poder -- dois aspectos do mesmo fenómeno -- faz com que só sejam aplicadas as decisões que o movimento autónomo permite. O governo não consegue impor as suas decisões, o que quer dizer que não consegue manter as próprias bases da sua existência.

Quais as soluções pensadas pelas classes dominantes para ultrapassar esta situação?

- Destruir as organizações autónomas ou fazer como se elas não existissem. Foi o que tentaram, "à esquerda", os gonzalvistas durante o quarto governo. (O quinto serviu só para prepararem a sua existência como grupo de oposição e por isso mudaram de tática.) À direita, ou seja, defendendo o capitalismo privado, é o que projecta o ELP, etc. A via gonzalvista patenteou o seu fracasso e o apego do ELP ao capitalismo de propriedade privada dá-lhes uma base social diminuta.

- Tentar, a partir do governo, castrar o movimento autónomo mediante a recuperação daquelas organizações burocratizadas pelo refluxo. Tentar-se-ia assim remodelar o aparelho de Estado existente através das novas hierarquias resultantes dessas organizações burocratizadas. Era este o plano do grupo Melo Antunes, até ao deflagrar do actual conflito, e os acontecimentos mostram a evidência que não resultou.

- Reconstruir completamente o aparelho de Estado tomando como base unicamente essas organizações burocratizadas. Era a linha do PC, desde o quinto governo até há bem pouco, da FUR, LDP e cunjangos, bem como de figuras militares que pretendem apresentar-se directamente às massas sem ser pelos canais de um partido (Otelc em especial). É neste sentido que falam de "poder popular": construir um novo aparelho de Estado (o "poder") à base das organizações burocratizadas "populares". Com o desenvolvimento deste processo, até essas organizações burocratizadas seriam eliminadas; mas, entretanto, a sua função demagógica e mistificatória daria à classe dominante o tempo suficiente para reconstruir o poder de Estado.

Na ausência de um apoio explícito da maioria da classe dominante a uma destas alternativas gerais, desenvolve-se em cada clã, em cada centro de interesses, em cada corpo burocrático-militar a ambição de imporem a solução que representam mediante um golpe militar mais ou menos violento. O confronto entre militares deve-se muito mais verdadeiramente à disputa entre os vários modelos de capitalismo de Estado do que ao confronto entre um bloco capitalista de Estado e os defensores do capital privado, nomeadamente o ELP. Estes estão aliás muito mais interessados, no momento presente, na guerra social em Angola.

Será muito funesto para o desenvolvimento das formas comunistas de luta que os trabalhadores não vejam outras alternativas tácticas senão a de apoiarem uma ou outra das facções em luta da classe dominante.

Assim como o movimento social do proletariado é antagónico da burguesia, e realiza-se na auto-organização do mundo do trabalho, também entre as formas de luta por esse objectivo conta-se a auto-organização armada -- as milícias. Só com base nas unidades de produção se pode desenvolver a democracia operária, a sua autonomia e as formas práticas comunistas de luta. O armamento dos trabalhadores tem que ter por base a unidade de produção, são os soldados que tem de se juntar aos trabalhadores e não o inverso. O encasernamento representa a divisão capitalista de funções, afastando os trabalhadores do conhecimento das armas, e, mais ainda, consubstancia, com a disciplina rígida e a obediência mecânica, o projecto de organização de toda a sociedade no capitalismo de Estado.

O que, nestes dias, tem prendido as atenções da generalidade dos trabalhadores são as alternativas da classe dominante. E, no entanto, a alternativa do proletariado está bem patente na própria prática actual: o desenvolvimento da autonomia do movimento operário, nomeadamente conquistando a sua unificação autónoma. O aspecto positivo é os partidos terem andado atrás do movimento autónomo; o aspecto negativo é o movimento autónomo ter continuado a permitir que os partidos andem entre ele.

Não é por um nem outro partido, nem por Otelo nem por Melo Antunes nem por Jaime Neves, nem por um nem outro regimento que passa a revolução comunista. Chegámos ao momento em que o slogan da Primeira Internacional -- A libertação dos trabalhadores é obra dos próprios trabalhadores -- não é um puro programa de futuro, mas a palavra de ordem de maior actualidade prática.

# Mesa-redonda entre as Comissões de Moradores da Foz e S. Pedro da Cova

Continuamos a publicar esta mesa-redonda, iniciada no número anterior, com os seguintes participantes: dois elementos da comissão de moradores da Foz do Douro, três elementos da comissão de moradores do Bairro Norte - S. Pedro da Cova (esta comissão está dividida em três sectores e os elementos presentes representam dois deles), um habitante de S. Pedro da Cova e ainda um outro assistente à mesa-redonda. Referimos no número anterior a presença de um elemento do centro revolucionário mineiro de S. Pedro da Cova; porém, como as suas posições são puramente individuais, pareceu preferível designá-lo por "um habitante de S. Pedro da Cova", como agora fazemos.

Na parte transcrita no número anterior discutiu-se a questão dos SAAL, aos quais se poderia recorrer mas sem os deixar transformar-se em novas cúpulas; descreveu-se a sobre-exploração a que os mineiros de S. Pedro da Cova estavam sujeitos com o sistema de aluguer de casas e a sua luta pela habitação; discutiu-se o problema da recuperação das lutas pelos partidos e por organizações exteriores ao movimento operário autónomo.

## O processo na Foz do Douro

COMBATE - Talvez fosse melhor descreverem os processos desde o princípio.

CM da Foz do Douro - Na Foz do Douro fez-se inicialmente um plenário, aliás dois plenários. Um plenário que foi desdobrado por duas noites porque na primeira noite não houve tempo para se organizarem as zonas. Estava previsto haver sete comissões de zona. Anteriormente já tinha havido um outro plenário onde se chegou à conclusão que era necessário arranjar uma comissão -- comissão que se ofereceu e foi aprovada pelos presentes -- para organizar a freguesia da Foz do Douro, para verem a melhor maneira de se fazer uma comissão de moradores (nessa altura eu não estava). Eles acharam bem que a freguesia da Foz do Douro devia ser dividida em sete zonas, cada uma com a sua comissão de moradores. Cada uma dessas comissões era constituída por, por exemplo, sete indivíduos e cada um ou dois deles tratariam de um determinado assunto: habitação, saúde, educação, sei lá, todos esses problemas que uma comissão de moradores tem que tratar porque são os problemas inerentes à população. O que não há dúvida nenhuma é que a Foz ficava dividida (aquilo foi feito e dividido talvez já com ideias preconcebidas) de maneira que houvesse uma preponderância de capitalistas, senhorios e proprietários nessas comissões. Verificou-se isso nas cinco primeiras zonas que foram eleitas. O que acontece é que embora a classe mais desprotegida na Foz do Douro seja em maior número, não era suficientemente esclarecida para ir às assembleias.

Outro membro da CM da Foz do Douro - Há outra coisa na divisão por zonas. Esta divisão fazia com que houvesse, pelo menos nestas primeiras zonas já formadas, uma dominância da burguesia, ou seja, essas zonas compreendiam faixas onde moravam as pessoas que não têm problemas. Por isso, nas comissões que se formassem nessas zonas havia sempre predominância das pessoas que não têm problemas. As pessoas com problemas estão todas concentradas numa única zona.

Outro membro da CM da Foz do Douro - Não estão propriamente numa única zona. É evidente que na única zona onde a grande burguesia não tinha preponderância a comissão tinha que ser formada por elementos dos mais desprotegidos porque ali são todos desprotegidos. Nas outras há

também classes desprotegidas. Não há dúvida que na Foz há ilhas por todo o lado por mais que se divida a coisa acontece encontrarmos sempre ilhas; umas com duas ou quatro famílias, outras com dez ou vinte. Evidentemente que na zona da Cantareira são tudo pessoas progressistas porque normalmente dessa zona têm de sair progressistas. A não ser que estejam a pensar no paternalismo que depois as pessoas lá de cima, de Machal Gomes da Costa, as venham ajudar. Eles não pensam assim de certeza. A coisa estava a ser arranjada de maneira que quando houvesse uma assembleia geral os elementos da burguesia estivessem em maior número. A esses elementos não interessa fazer nada pelo povo da Foz, até porque uns são senhorios dos outros. Aliás durante a sua curta vida não fizeram nem prepararam nada. Portanto começou-se a ver que ali havia um trabalho de sapa para abafarem o habitante mais desprotegido. Existia uma comissão de habitação de que sempre se disse muito bem (nunca à comissão orientadora ou organizadora dessas zonas, nem aos próprios burgueses que faziam parte das cinco comissões lhes passou pela cabeça dizer mal dessa comissão de habitação). Essa comissão era formada quase exclusivamente por elementos da FEC. Foram eles que tomaram a iniciativa, talvez autonomando-se. Depois foram reconhecidos em plenário, mas autonomaram-se para irem ocupar casas para as entregar às famílias que estavam em piores condições de habitação. Conseguiram casas para diversas famílias e então foram reconhecidos e tinham um apoio bastante grande dessas classes mais desprotegidas porque verificavam que eles estavam a fazer um trabalho muito válido. Inclusivamente para as casas em que ainda se podia viver lá, mas que não tinham luz, eles arranjavam um electricista para ir lá, ou então se não tinham canalização eles arranjavam um canalizador, etc. Por isso eles estavam muito bem vistos pelas bases. Foram os únicos que trabalharam até essa altura. Foram eles que resolveram, porque da maneira como a coisa estava a ser conduzida a freguesia da Foz ia ficar entregue à bicharada e as comissões de moradores iam ser absolutamente fantasmas, convocar um plenário (eles como comissão de habitação, sem verdadeiro valor legal porque não eram uma comissão de moradores mas sim uma comissão de habitação autonomada embora reconhecidos

depois, não tinham aquele valor que dá uma grande autonomia às comissões de moradores) em que expuseram o que estava a acontecer: as manobras que estavam a ser feitas pela grande burguesia da



Foz (os senhores que não lhes interessava, de modo nenhum, que a classe mais desprotegida passe a ser um bocadinho mais protegida). Neste mesmo plenário propôs-se, ou propuseram, que se organizasse uma comissão de moradores com a anuência do plenário, se assim se entendesse. Foi com base nesses quatro ou cinco elementos da comissão de habitação que se formou a comissão de moradores, chamando as outras pessoas que quisessem trabalhar com eles, pois não podiam só fazer o resto. Eles trabalhavam na habitação como, por exemplo, trabalharia uma comissão SAAL, porque eles estavam virados só para a habitação. No entanto, numa freguesia há muitos problemas, como eu disse ainda há um bocadinho. Eles queriam que houvesse uma comissão de moradores legalizada como deve ser -- em plenário -- mesmo que depois não fosse legalizada pelas autoridades competentes. As pessoas começaram a aparecer e entre elas apareci eu e outros, e naquela altura ficaram mais onze pessoas. Apareceram voluntariamente e fomos apresentados à assembleia; cada um de nós disse o nome, profissão (algumas pessoas conheciam-nos mas outras não), morada, quantos filhos tinhamos, etc. Fomos todos aceites por maioria. Nós e os elementos da comissão de habitação, que também se apresentou embora já fosse sobejamente conhecida. Posteriormente esses onze foram legalizados. Arranjámos a documentação e fomos à câmara legalizarmo-nos com uma cópia, aliás como é costume, da acta. Posteriormente apareceram mais elementos que nós precisamos. Precisávamos de mais gente ainda e chegou a haver quinze elementos. Um deles depois saiu por questões profissionais, ou por outros motivos, que o impediam de seguir de perto a comissão como nós desejaríamos e como eles próprios também. Por isso foi ele próprio que se demitiu, não fomos nós que o pussemos de parte. Portanto apareceram mais três pessoas que vão ser legalizadas amanhã no plenário. Amanhã vamos ter o primeiro plenário depois da eleição. Nós pensamos fazer plenários todos os últimos sábados de cada mês.

Um assistente à mesa-redonda - Vocês liquidaram essas sub-comissões de zona e agora fazem plenários?

CM da Foz do Douro - Não. Há ainda uma outra coisa. Acontece que essas zonas, essas sub-comissões como tu lhes chamaste, apresentaram também documentação nas entidades respectivas. Os nomes que apareceram eram de tal ordem conhecidos como pessoas reaccionárias ou até mesmo fascistas (alguns deles até possivelmente não estavam recenseados para as eleições da Constituinte) que nos alertaram -- às pessoas progressistas da Foz.

Outro membro da CM da Foz do Douro - Tu disseste que aconteceu uma coisa que motivou a ilegalização das outras. O que aconteceu foi as proporções de violência que aquilo tomou e que fez com que o COPCON e a polícia intervissem.

Um assistente à mesa-redonda - Aquelas ocupações?

CM da Foz do Douro - Não, nos plenários.

Outro membro da CM da Foz do Douro - Eu fiz parte da comissão que tinha por função contar e escrutinar essas sub-comissões, mas à medida que ia avançando houve confrontações entre as forças progressistas e os ditos burgueses de lá. Chegou-se a co-frontos violentos, do género de partir as cadeiras nas cabeças das pessoas, de partirem vidros, etc. A polícia e o COPCON chegaram a intervir. Nós, a nossa comissão, que tinha sido eleita em plenário, fizemos um abaixo-assinado em que dizíamos e desmistificávamos aquilo que se estava a passar. Dizíamos que não podíamos continuar a colaborar daquela forma, como estava a processar-se a eleição da comissão de moradores, e demitimo-nos em bloco. Automaticamente ficou tudo destruído porque nós só estivemos a presidir ao escrutínio de cinco zonas e ainda faltavam duas. Demitimo-nos e enviámos uma acta a dizer que nos demitíamos e que era necessário um segundo plenário. Foi aí que a dita "comissão de habitação", que era a única que já tinha sido legalizada em plenário, aproveitou isso e em Agosto fez o plenário em que vocês foram eleitos. Foi isso que ilegalizou logo oito nomes.

Estiveste a dizer uma coisa que também não é muito correcta: é que ninguém podia pertencer àquelas comissões se não estivesse recenseado e eles estavam todos recenseados.

Outro membro da CM da Foz do Douro - Desculpa, provou-se que havia pelo menos um nome de uma pessoa que não estava recenseada e que nem sequer pertencia à Foz. Esses papéis foram todos parar ao cesto dos papéis. A única coisa honesta que ali houve, desde o início até este plenário em que fomos eleitos, foi a nomeação da comissão para organizar as eleições por zona. Eram chamadas as zonas uma por uma para elegerem os seus representantes. A primeira comissão que organizou a Foz por zonas fê-lo com a ideia pré-concebida de que era a única maneira de a grande burguesia ter a preponderância. Podia haver elementos honestos mas eram

puxados a fazer a divisão da Foz. Eles sabiam perfeitamente que se fossem chamados em bloco, se houvesse um plenário com todos os habitantes da Foz, em que a maioria é de progressistas e de classes menos favorecidas, não podiam fazer nada e que só assim dividida é que podiam ganhar. Como tu já explicaste, a coisa estava dividida de tal maneira que só havia uma zona que tinha grande quantidade de desfavorecidos e progressistas. Mas tinham as outras cinco que quando fossem ao plenário -- plenário de comissionistas, chamemo-lhe assim -- de repre-

sentantes de zona tinham sempre a preponderância, podiam fazer o que quisessem, ou antes, não fazermos aquilo que os outros quisessem. Chegou-se à conclusão que havia ali uma grande manobra e, como tal, a única solução era aquela. Claro que essas cenas que houve nessas reuniões, as cenas de pancadaria, eram quase todas devidas a que quando um progressista levantava a voz e tentava alertar os outros progressistas que estariam na assembleia, eram vaiados ou abafados com propostas e, inclusivamente, com pancadaria.

## O processo em S. Pedro da Cova

COMBATE - Agora podiam descrever como se formou e foi eleita a comissão de moradores de S. Pedro da Cova?

CM de S. P. da Cova (2) - Foi composta por elementos da escola D. Afonso V, elementos do grupo de teatro "Círculo" e mais uma rapaziada amiga deles (mineiros) e conseguiram tomar conta daquele edifício que pertencia às minas. Reuniu-se um plenário no campo de futebol, para ver se o povo aprovava ou não a tomada do edifício. Como aquele outro camarada já contou apoiou-se aquela coisa, seguiu-se para a frente. Depois fizeram-se plenários para convocar as comissões de moradores, para pedir indivíduos que se oferecessem para fazer as comissões de moradores. Eu -- este camarada ainda não era -- mais três ou quatro colegas meus oferecemo-nos logo para ajudar esses rapazes. Seguidamente fizemos um plenário para a comissão ser eleita. Apresentamos os representantes e fomos todos eleitos. Tudo concordou. Ultimamente o que se está a passar é que propusemos oito ou nove representantes da comissão de moradores e até há pouco só estávamos a trabalhar três em conjunto: só eu, este e outro rapaz que não pôde vir. Puseram homens inválidos na comissão, quer dizer, andávamos a trabalhar para os outros que não

CM de S. P. da Cova (2) - Amanhã?

CM da Foz do Douro (2) - Não. Como é que vocês interpretam o que se está a passar?

CM de S. P. da Cova (2) - O que se está a passar é que fizemos la uma festa de comissões de moradores para arranjar fundos para saneamentos e obras nas casas. Agora quando chegarmos ao fim das festas vamos-lhe dizer: "Meu amigo, hoje ou amanhã queremos contas para as apresentarmos ao povo que é a nossa obrigação." Antes de ontem pedimos a esse senhor para comparecer na reunião da comissão de moradores e ele mandou uma resposta que tinha que ir para o barbeiro e deixa de aparecer à reunião. Foi lá a mulher dele e eu perguntei-lhe porque é que ele não aparecia, e ela disse-me que ele estava para o barbeiro. Então eu fui lá ver, ou seja, soube por outro vizinho que ele se sentou à mesa a jogar o dominó. E à comissão de moradores não aparece! Amanhã temos esse plenário e ele tem que apresentar contas à nossa frente, e a gente amanhã vai-lhe fazer dizer ao povo tudo. É que tem que ser mesmo. Não pode haver um facho ali a roubar-nos a todos.

CM da Foz do Douro (1) - Vocês desconfiam que ele tenha roubado...

CM de S. P. da Cova (2) - A gente desconfia, não é...

CM de S. P. da Cova (1) - Eles estavam a perguntar como foi criada a comissão de moradores de S. Pedro da Cova. Acabaste por dizer que só estamos a trabalhar três pessoas na comissão. Formou-se o Centro Revolucionário Mineiro; depois fez-se vários plenários e escolheram os homens que deviam formar a comissão. Eles foram eleitos em plenário, o povo aceitou-os. De vários elementos que tínhamos -- uns sete ou oito -- ficamos só três a trabalhar. Quer dizer, os outros ficaram só a ter o nome de pertencer à comissão, mas não fazem nada. Nem se interessam por saneamentos, nem nada.

CM de S. P. da Cova (2) - Na altura em que foi isso houve voluntários que se ofereceram; é o meu caso e o deste. Ofereceram-se vinte e tal e, depois, como

(Continua na p. seguinte)



lã os lugares são muito grandes, foi decidido dividir aquela comissão em três sectores, mas só uma comissão. Na minha zona somos nove, na zona de le são oito e ainda há outra zona com uns seis ou sete. E porquê? Porque é que está dividida em três zonas? Antes houve lá umas festas que se chamam festas de Santa Justa -- não sei se conhecem -- e fizemos também nós umas festas para angariar fundos, mas com as três comissões todas juntas, o pessoal todo. Mas, quando isso foi, nós éramos uns 23 ou 24, e só apareceram uns 5 ou 6 para trabalhar.

Depois resolvemos fazer um mês em cada lado, mas divididos, para obrigar todos a trabalhar. Trabalhámos nós um mês, ou seja, quatro semanas, mas não trabalhámos todos os nove. Trabalhamos a maioria, uns sete ou oito. No sector deles não sei; eles são oito e trabalham uns três ou quatro. Agora está o outro sector a trabalhar. Não sei quantos estão a trabalhar. Ainda ontem lá passei mas não sei nada. Lá na minha zona a comissão foi nomeada por nós nos termos oferecido e depois em plenário é que se citava o nome e se o pessoal concordava diziam "sim" ou "não". Foi honestamente. Foi em plenário mas as pes-

soas foram todas oferecidas e não foi nenhuma rejeitada. Alguns já desistiram e até nunca deveriam ter entrado.

CM de S. P. da Cova (1) - Pois não. Estão na comissão mas nada fazem. São pessoas que só têm o nome na comissão. Foi formada uma comissão para o bairro operário. Para o bairro todo. Por aquilo ser grande é que se dividiu em sectores. E dividiu-se em sectores porque não havia dinheiro --- aquilo ali é pobreza --- não havia fundos para fazer nada.

Eles queriam que as rendas que pagassem fossem para fazer obras nas casas, mas não para saneamentos. Resolveu-se fazer umas festas para angariar fundos para os saneamentos e para várias coisas. Depois, desse pessoal que foi eleito para a comissão de moradores, só apareceu meia-dúzia deles para trabalhar. Resolveu-se, nessa primeira festa para angariar fundos, dividirmo-nos por sectores, quer dizer, cada um trabalha com o seu pessoal.

e é desse dinheiro que vai vivendo. Mas o que não lhe chega de modo nenhum é para fazer obras, que de facto a ilha precisa. Precisa de saneamentos. As pessoas querem lá uma casa de banho, nem que seja colectiva, e não a têm. E ela não pode fazer obras. Evidentemente, nós só temos aqui duas hipóteses: ou somos nós a fazer, em conjunto com aqueles inquilinos, dizendo: "Vocês vão pagar mais alguma coisa, vão-se quotizar ou vão arranjar um género de caixa e entram com esse dinheiro e fazem-se as obras". Ou então dirigimo-nos ao SAAL para que ele faça essas obras. Se os inquilinos não quiserem o SAAL é que vai tratar desse assunto.

Mas quero frisar o seguinte: estamos ligados ao Congresso Nacional de Saúde, que é também um processo que nem sequer é oficializado, que não está dependente do Ministério da Saúde ou do Secretariado da Saúde, não é necessário isso para nós tratarmos da saúde. Não é necessário estar ligado à Federação, a qualquer das federações da Direcção Geral dos Desportos para tratarmos dos assuntos desportivos. Portanto não é necessário de modo nenhum estar ligado ao SAAL para tratar de assuntos de habitação, mesmo quando esses assuntos tenham de ser tratados com o SAAL. Era a isso que eu queria chegar. Mas estamos à espera, ou irmo-nos ligar a todos os organismos e ficarmos dependentes deles por uma questão paternalística, então não valia a pena formar uma comissão de moradores.

## Para que serve uma comissão de moradores?

Um assistente à mesa-redonda - E o vosso trabalho em que consiste?

CM de S. P. da Cova (1) - Angariar fundos para fazer saneamentos, etc.

Um assistente à mesa-redonda - Para resolverem vocês próprios os problemas de habitação? Vocês, para já, não têm pensado noutros aspectos da actuação de uma comissão de moradores? A comissão para já não tem pensado em mais nada do que a habitação?

CM de S. P. da Cova (1) - E temos trabalhado muito. Olhe que ainda ontem estive duas horas e tal para falar com os tipos da câmara e hoje estive mais de uma hora.

Um assistente à mesa-redonda - Não, eu não ponho isso em causa.

CM de S. P. da Cova (1) - O que há para beneficiar ali, para já, é a habitação. Mas em primeiro lugar o que interessa mais é o saneamento. Ali em primeiro lugar -- só quem não conhece S. Pedro da Cova! -- é o saneamento; e depois a água, que também não temos.

CM da Foz do Douro (1) - Eu queria, precisamente, falar sobre isso. Nós lá

na Foz dividimos a comissão, ou melhor, dividimos as tarefas. Como já disse, as tarefas de uma comissão de moradores não são só a habitação. Há muitas outras coisas. Uns tratam da habitação, outros tratam da saúde, outros tratam do desporto, outros da cultura -- cultura e recreio. Cada um desses sectores está entregue a um grupo.

CM de S. P. da Cova (1) - Cada um dos sectores da comissão de moradores

CM da Foz do Douro (1) - Exactamente. São três, e cada um deles tem três ou quatro elementos a tratar dos assuntos e todos eles estão interligados. Por exemplo, ainda ontem, eu, que pertenço à saúde, e outro camarada, que também pertence à saúde, fomos tratar de assuntos de habitação. Quando for necessário faz-se de tudo, mas estamos divididos. No entanto, temos a nossa responsabilidade; quando forem problemas de saúde nós temos que responder por esses assuntos. É uma questão de responsabilizar as pessoas por aquilo que têm que fazer. Até ver, vocês só têm tratado de assuntos de habitação e nada mais.

CM de S. P. da Cova (1) - E de saúde também.

Um assistente à mesa-redonda - Aí é que eu acho que a questão da dependência pode ser real, isto é, pode ser que o SAAL seja um organismo que procure, através das possibilidades que tem e das ajudas que pode prestar, impor um certo tipo de política social, representativa de uma certa ideologia e, finalmente, um ou outro grupo dominante, um ou outro partido dominante. O que não há dúvida, e isso é que eu acho que deve ficar sempre claro, é que a questão da habitação é uma questão social e uma questão política; quer dizer, todo o povo paga os seus impostos e quando eu vejo as pessoas a recolherem fundos, por exemplo mediante festas, para questões de habitação, tenho o maior respeito por essas questões, mas acho que é preciso ultrapassar essa situação porque as pessoas têm direito à habitação. Muito mais as pessoas que trabalham em condições absolutamente duras, como é por exemplo o trabalho mineiro, e o SAAL devia estar ao serviço de todas as pessoas e, conseqüentemente, ao serviço da grande maioria da população.

CM da Foz do Douro (1) - Não é "devia estar", e que está de facto. Sim-

(C. P. da Cova)

SOMOS UMA NOVA COOPERATIVA ESPECIALIZADA EM OFFSET.

COTACTE-NOS PESSOALMENTE NA RUA SACADURA CABRAL, 89 A - NA CRUZ QUEBRADA OU PELO TELEFONE 2112740

## De novo os SAAL

CM da Foz do Douro (1) - Aproveito para dar uma achega ao amigo que há bocado frisou que estava de acordo comigo mas achava que para já era necessário estar ligado ao SAAL, porque o SAAL iria fazer, iria ajudar. Nós não precisamos. Evidentemente, se nós verificamos que o SAAL é que nos vai tratar de um determinado assunto que nós não podemos tratar, nós vamos ter com o SAAL e o SAAL é obrigado, pela maneira como está estruturado, a fazer aquilo, no que diz respeito à habitação. É obrigado -- se puder, evidentemente. Mas se ele não puder, nós também não podemos fazer. Só se for o caso de assaltar uma casa, tomar uma casa --

aliás isso já estamos habituado a fazê-lo e, nesse caso, não vamos ter com o SAAL. Mas se for uma questão de reconstrução -- nós não temos fundos, a senhoria também não tem fundos para fazer... Por exemplo, um caso que fui tratar ontem. Há uma senhoria que possui uma ilha (em Lisboa chama-se "pátio"; nota nossa) e dessa ilha tira 1.100\$00 por mês. Ela paga uma outra casa em Gaia por 1.550\$00. Portanto, fica com outros quinhentos e tal escudos. É uma senhoria já de idade. Por muito pouco que coma, por muita austeridade que tenha no vestir e no comer, gasta esse dinheiro. Ela tinha uma outra ilha, um outro prédio que vendeu,

# Mesa-redonda

(Continuação da p.6)

plesmente cá no Norte é que se interpreta a coisa de uma outra maneira e eles começaram a fazer essas comissões de moradores-SAAL, que em princípio não são o processo SAAL. O processo

SAAL exista a nível nacional e eu reconheço-o como um processo bastante válido, o mais válido possível até hoje no aspecto da habitação. Não há dúvida nenhuma. Ora, a coisa modificou-se porque em mais parte nenhuma do país existe isso...

## "Nós temos que ser um botão que faz arrancar a máquina"

Ainda a propósito de há bocado: nós na Foz do Douro vamos tentar fazer o seguinte no aspecto da saúde: o posto da Foz do Douro -- que abrange Nebugilde, Lordelo, enfim uma série delas, mas nós vamos interessar-nos somente pelos moradores dali, porque os outros serão as outras comissões -- vamos tentar desobstruir os serviços médico-sociais do Porto da Foz, que estão com um atraso de um ano nalgumas especialidades, como é o caso da oftalmologia. Vamos tentar desanuviar esses serviços dando ao mesmo tempo a assistência médica. Isso é o que nós pensamos fazer -- por acaso em oftalmologia não tenho nenhum médico previsto. Mas vamos tentar dinamizar os médicos para que vão lá gratuitamente dar consultas. E o que vamos fazer? Vamos forçar. É que é mesmo assim. Há já um decreto, mas que não entrou ainda em vigor: a Previdência a dar-nos livros de receitas para que os médicos passem as receitas que forem necessárias às pessoas que vão ser atendidas. De uma cajadada matamos dois coelhos: porque vamos dar assistência às pessoas que estão à espera pelo menos há dois meses, na clínica geral -- disseram-nos há um bocado que há um médico que tem consultas marcadas para Janeiro. Isto na clínica geral, porque nas especialidades vai até um ano, como é o caso da oftalmologia. Eles podem cegar entretanto, ou então têm de ir a um médico particular. Nós vamos dar assistência a essas pessoas que estão de facto necessitadas dela, e ao mesmo tempo vamos desanuviar, desintoxicar os serviços médicos dali do posto. Evidentemente, gostaríamos que as outras comissões sigam o nosso exemplo. Para já isto é um projecto que nós vamos conseguir. Precisávamos de uma sede e ocupámos um quartel de bombeiros que estava inoperante e não trabalhava já há muito tempo. Fizemos mexer o sistema todo. Deu para aí muito sarrabulho, mas não

há dúvida nenhuma que estamos lá legais, estamos lá dentro. E quando eles tiverem bombeiros, tiverem uma bomba e tiverem todo o equipamento para meterem lá dentro do quartel, pois vão para lá, para termos um quartel de bombeiros como deve ser -- e nós arranjaremos outra casa entretanto.

Pode ser que haja outra coisa qualquer para dinamizar -- nós temos que ser um botão que faz arrancar a máquina. Nós temos é que saber carregar nesse botão e ao mesmo tempo também dinamizar, porque nós não queremos ser pater-

## Paternalismo ou dinamização?

Um assistente à mesa-redonda - Na comissão de S. Pedro da Cova as actividades principais e a condição principal é a condição operária -- dos mineiros. Estão cá três mineiros. Na vossa comissão, por exemplo, quantas pessoas da Cantareira (é um lugar da freguesia da Foz do Douro; nota nossa), pescadores, há?

CM da Foz do Douro (1) - Nós temos lá, de facto, pescadores. Há lá um pelo menos. Temos lá metalúrgicos, picheleiros, electricistas, etc.

Um assistente à mesa-redonda - Apesar de tudo, vocês fazem um discurso muito contra o paternalismo, mas estão um bocado a sangrar-se em saúde. Acho muito bem as vossas intenções, a vossa capacidade, mas, pelo que eu conheço das outras comissões -- a que melhor conheço é a de Massarelos -- é gente de lá que tem apoios e ajudas e por isso é que eu não tenho medo do processo SAAL. Porque o que é importante é mentalizar a comissão que seja realmente de lá, porque eu não vejo que a comissão de massarelos

seja dominada pela brigada SAAL.

CM da Foz do Douro (2) - Realmente, a nossa comissão de moradores hoje veio mal representada e eu vou explicar porque. No amanhã temos um plenário e o resto das pessoas ficou lá a trabalhar e, como fui eu que mobilizei um bocado aquilo, porque o "Combate" falou comigo e este meu camarada queria vir comigo, viemos os dois. Porque o resto da comissão de moradores são mesmo de ruas que têm problemas graves.

CM da Foz do Douro (1) - Há seis elementos da comissão de moradores que estão a viver em casas ocupadas...

CM da Foz do Douro (2) - Que tiveram de ocupar. Quer dizer, são mesmo os moradores que parecem representativos para lá estarem. Por isso mesmo é que eu ontem falei com o meu camarada e pus-lhe a questão da minha presença. Eu

(Continua na p.2)

## Contra a corrente

A CRISE ECONOMICA ACTUAL NA ESFERA DO CAPITALISMO AMERICANO (INCLUINDO O SUPLEMENTO: ACTUALIZAÇÃO DE DADOS ESTATISTICOS)

João Bernardo

SINDICALISMO E ACÇÃO DIRECTA

Manuel Joaquim de Sousa, Prefácio de Emílio Santana

UM ANO, UM MES E UM DIA DEPOIS: PARA ONDE VAI O 25 DE ABRIL? (ECONOMIA E POLITICA DA CLASSE DOMINANTE)

João Bernardo

TROTSKY E A DITADURA DO PROLETARIADO

H. Smith

APELO AO PROLETARIADO REVOLUCIONARIO (RUSSIA 1923)

Grupo Verdade Operária

SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES

Anton Pannekoek

A QUESTÃO DA ORGANIZAÇÃO REVOLUCIONARIA

Um grupo de trabalhadores emigrados

ULTIMAS EDIÇÕES:

O COMECON E A CRISE ECONOMICA MUNDIAL (A CRISE DO CAPITALISMO NOS PAISES DE LESTE)  
Jeune Taupe

NOVO MOVIMENTO (QUESTÕES SOBRE A PRÁTICA REVOLUCIONARIA)  
Henri Simon

CRISE DA SOCIEDADE PORTUGUESA ('DESCOLONIZAÇÃO' E 'INDEPENDENCIA NACIONAL')  
Ch. Reeve / J. Carvalho-Ferreira

Pedidos a Contra a corrente  
Rua da Atalaia, 204-206, Lisboa 2  
Rua do Breiner, 50, Porto



QUERIA ASSINAR O "COMBATE" DESDE O Nº \_\_\_\_\_  
1 ano (26 números) - 90\$00; 6 meses (13 números) - 45\$00  
Apoio (anual) - 120\$00 mínimo  
Europa (1 ano - 165\$00); USA (1 ano 210\$00) (por avião)  
Angola (1 ano 207\$00)

QUERIA VENDER "COMBATE"  
Junto envio \$ \_\_\_\_\_  
(Todos os cheques e vales devem ser enviados em nome da directora)

# QUE PAÍS DA LIBERDADE? - as mulheres em luta!

O artigo que se segue foi extraído de "Islington Guther Press", nº 21, de Junho-Julho de 1975.

Em 13 de Maio houve um grande piquete na fábrica electrónica de Crossfields, em Londres, que os trabalhadores ocupavam há duas semanas. Em Março de 1975 a companhia De La Rue que tinha comprado a fábrica electrónica de Crossfield em Setembro passado, tinha, sem qualquer aviso, despedido 300 trabalhadores. A fábrica estava a ser mudada para Peterborough, no norte da Inglaterra, apesar de garantias e promessas anteriormente feitas aos trabalhadores de que não haveria despedimentos.

Mas 13 de Maio foi também o dia em que a empresa De La Rue recebeu do tribunal o mandato de posse, o que significava que os trabalhadores em ocupação estavam finalmente expostos à plena força das equipas de evacuação da polícia. De La Rue aproveitou cunicamente este apoio adicional para ameaçar os trabalhadores que utilizaria pessoal eventual para a produção de lâminas de metal e que despediria ainda mais trabalhadores de Crossfield. Após longas negociações, os *shop stewards* declararam numa reunião de fábrica nessa manhã que se deviam aceitar as sete readmissões e a oferta de aumento dos salários dos operários despedidos, que eles tinham conseguido obter da gerência. Isto foi apoiado com muitas reservas.



## Mais empregos perdidos em Londres

Estes estão longe de ser os primeiros empregos perdidos desta maneira no Norte de Londres. 30.000 empregos, por exemplo, foram perdidos só no Islington, bairro do norte de Londres, entre 1966 e 1971. Com os subsídios do governo concedidos às firmas que se mudarem para as áreas em desenvolvimento fora de Londres tem havido uma enorme fuga de capital industrial para fora de Londres. Presentemente não há grandes desenvolvimentos nas empresas transformadoras de Londres, e nenhuma delas tem qualquer programa. Os que perderam empregos industriais especializados não arranjam

rão provavelmente novos empregos e provavelmente terão de procurar um emprego menos remunerado nas indústrias de serviços. Os patrões poderão sempre procurar novos paraísos onde obterão maiores lucros para os seus investimentos: salários baixos e uma força de trabalho obediente. Os trabalhadores não terão as mesmas possibilidades de escolha.

Mas hoje cada vez mais trabalhadores, como os de Crossfield, decidem resistir e lutar pelos seus interesses.

## A militância das mulheres na indústria

Doze mulheres estavam envolvidas na ocupação de Crossfield. A sua luta é mais um exemplo da vasta mobilização das mulheres na recente militância industrial. Apesar da publicidade dada à mobilização das mulheres contra a greve, na "British Leyland" e na Chrysler, onde uma minoria das mulheres se manifestou contra a ocupação das fábricas, a verdadeira história do recente envolvimento das mulheres na contestação na indústria é muito diferente.

No ano passado as mulheres lutaram por salário igual na S.E.I. de Manchester; opuseram-se aos encerramentos e aos despedimentos na "Lucas" em Birmingham e na "Imperial Typewriters" em Leicester.

As enfermeiras e outras mulheres do sector público lutaram por aumentos salariais. Na "Armstrong Patents" em Yorkshire mobilizaram-se contra a semana de três dias e em Bonar Long, em Dundee, na Escócia, lutaram contra a transferência para um trabalho diferente.

E, evidentemente, as mulheres organizaram-se para apoiar as lutas dos homens no trabalho. Tal como o caso das mulheres dos operários da "Triumph Meriden".

Fizemos algumas perguntas a um grupo de mulheres que ocuparam Crossfield:

Pergunta - Quantas mulheres trabalhavam aqui?

Resposta - Cerca de 90, em toda a fábrica.

P. - Quantas estão cá agora?

R. - Há só cerca de 12 em luta. Em ocupação.

P. - Quantas das outras mulheres conseguiram arranjar trabalho?

R. - Muito poucas. Encontrei-as lá fora, sem fazerem nada.

P. - As que arranjaram trabalho, onde o conseguiram?

R. - Não conseguiram postos de trabalho equivalentes aos anteriores na electrónica porque já não os há em Londres; a gente tem de os arranjar noutro lado.

P. - Vocês são todas de Islington?

R. - Bem, eu sou de Islington, a maior parte é de Islington ou da zona... Uma mulher que saiu está agora a trabalhar num café ali à esquina. Os salários deviam andar por 4.125\$00 por semana. Ela terá muita sorte se con-

seguir agora 1.650\$00. Algumas estão a trabalhar nos hospitais e levam para casa menos de 1.100\$00 por semana. Algumas são mulheres a dias.

P. - Vocês tiveram algumas lutas para conseguirem aumentar os vossos salários antes da ocupação, não é verdade?

R. - Ganhávamos bastante dinheiro aqui porque tínhamos um sindicato forte que lutou e nos conseguiu boas tabelas. Penso que éramos a fábrica mais bem paga nesta zona. E, olhem, teríamos conseguido um salário igual em Abril, que era quando isso (a lei) estava para começar. Mas, como vêem, eles puseram-nos a andar em Março.

P. - Algumas das mulheres mudaram-se para Peterborough?

R. - Das 300, só a 10 ofereceram trabalhos em Peterborough. Se eles disseram que ofereceram trabalho a todas, isso foi uma intrajice. Na verdade, eles não tinham interesse nenhum nisso. Só queriam ver-se livres desta casa.

P. - Algumas mulheres devem sentir-se realmente contentes por vocês estarem a lutar pensando também nos trabalhos delas?

R. - Sim, acho que é bom. Sinto-me contente na luta. Penso que me sentiria infeliz se tivesse fugido com o rabo entre as pernas.

P. - Quanto tempo acham que podem aguentar?

R. - Não sei. Pode ser um ano, um ano e meio. Bem vê, se não se luta para que eles não levem os empregos para fora de Londres, eles continuarão a fazer-lo. Assim, temos de fazer qualquer coisa para acabar com isso.

P. - Pensam que se tornaram mais fortes e mais confiantes como mulheres desde que começaram a ocupação?

R. - Veja, uso calças agora para trabalhar. Agora sinto-me como um rapaz.

Sim, agora somos todos compinchas. Agora há uma grande amizade, o que nunca tínhamos sentido quando estávamos a trabalhar. É uma amizade entre todos, mulheres e homens. Antes nunca falávamos muito uns com os outros. Só nos víamos.

NOTA - Os operários desta fábrica perderam a luta: perderam os empregos. Estas mulheres pensam, no entanto, que a luta valeu a pena. "Travámos uma boa luta", disse uma delas. "Quase levámos De La Rue à falência".

Os *shop stewards* são organismos eleitos pelos trabalhadores e que funcionam como órgãos de base dos sindicatos. Em 1971 decretou-se uma lei proibindo os trabalhadores de abandonarem os seus postos de trabalho sem autorização dos patrões e obrigando a 48 horas de trabalho semanais. Paralelamente, o governo suspendeu, durante a primeira guerra mundial, o direito de greve, no que foi apoiado pelos sindicatos. Os trabalhadores ficaram assim sem organizações e criaram então os *shop stewards*. Eles nasceram, portanto, da oposição ao trabalho obrigatório durante a guerra. Actualmente, como dissemos, funcionam como base dos sindicatos.